



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Rogério Christofolletti (ECA/USP e UNIVALI)

Do leitor imperfeito ao cidadão mais que perfeito: um ano do sítio Monitor de Mídia¹

RESUMO

Em 29 de agosto de 2001, chegava à rede mundial de computadores a primeira edição do MONITOR DE MÍDIA (<http://www.cehcom.univali.br/monitordemidia>), projeto de acompanhamento sistemático da imprensa catarinense. Diariamente, os pesquisadores do sítio observam os três maiores jornais estaduais – *Jornal de Santa Catarina*, *Diário Catarinense* e *A Notícia* – e produzem a cada 15 dias uma avaliação dos produtos sob os pontos de vista técnico e ético. Além disso, o projeto oferece resenhas de livros e filmes relacionados ao mundo jornalístico, artigos científicos sobre o tema, e seções para o aprofundamento da discussão deontológica. Neste primeiro ano de funcionamento, o sítio buscou a estruturação de um amplo debate jornalístico local. Este artigo avalia alguns resultados do período e apresenta objetivos a serem perseguidos em curto e médio prazos.

PALAVRAS-CHAVE

Monitoramento – Jornais – Ética Jornalística

**“A mídia é uma indústria e um serviço público ao mesmo tempo”
Claude-Jean Bertrand – O arsenal da democracia**

Há 15 anos, o geógrafo Milton Santos escrevia que o brasileiro é o que se poderia chamar de “consumidor mais-que-perfeito”, já que, na maioria das vezes, se conforma com a espoliação, desconhece seu direito de reclamar e desacredita que a queixa seja atendida. Diante de tanta permissividade, cada indivíduo desta geografia urbana encarna o modelo do consumidor que se atém apenas ao ato automático da compra, alheio a qualquer consequência ligada ao consumo, distante de toda ação afirmativa. “Onde não há o cidadão, há o consumidor mais-que-perfeito. É o nosso caso”, sentenciou¹ em seu *O espaço do cidadão*. Da década de 80 para cá, é evidente

¹ Cf. SANTOS (1987:41)

¹ Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



que a sociedade brasileira assistiu a melhorias nos campos do direito do consumidor, e mesmo no terreno das iniciativas para reforçar o exercício de cidadania. Entretanto, é certo que o estado a que se chegou está longe do ideal, e que a condição de consumidor mais-que-perfeito só se sustenta num ambiente povoado por cidadãos imperfeitos.

Para além dos aspectos muito particulares de cada indivíduo – como falta de espontaneidade, imobilidade e grau de paciência -, o cidadão imperfeito se caracteriza por desarticulação política, inconsciência social e altos quocientes de desinformação. O cidadão imperfeito não sabe que tem direitos, e quando está ciente de sua condição, ignora estes mesmos direitos. Sobra espaço para o consumidor. Mas como ficam estas reflexões quando se trata de consumo de informação? Isto é, leitores de jornais e revistas geralmente detêm mais informações que os não-leitores, mas seu exercício de cidadania é diferenciado? Difícil afirmar algo sem uma investigação mais aprofundada. Em outra direção, mas ainda no tema: de que forma o leitor pode deixar de ser um cidadão imperfeito? Onde termina o leitor e onde começa o cidadão?

Um leitor cidadão

O leitor pode exercer sua cidadania diante das próprias páginas do jornal que tem nas mãos. Sua leitura precisa ser atenta e contextualizadora. Seu olhar deve vincular os fatos locais com os globais, articulando eventos do passado e refletindo sobre acontecimentos potenciais. Enfim, seu interesse em buscar informações pode ser o primeiro passo para uma ação efetiva no mundo social. Para isso, basta uma certa dose de senso crítico, aliada a alguma memória, e abastecida continuamente com novas informações. Já se disse muito que é necessário ler criticamente os meios de comunicação. Pois é neste sentido que se pode pensar na conversão de um leitor (e, portanto, consumidor) em cidadão.

Mas a vontade apenas não sustenta a ação. É fundamental que os leitores disponham de formas para avaliar as notícias que lêem, os jornais que assinam. Claude-Jean BERTRAND (1999 e 2002) denomina de MAS² (ou MARS) este conjunto de instrumentos para garantir liberdade e excelência nos meios de comunicação. Segundo ele, “todo meio não estatal usado para tornar os meios de comunicação responsáveis perante o público” pode ser considerado um MAS (1999:142).

Embora concorde com a necessidade destes dispositivos no contexto atual e reconheça no conceito de BERTRAND muita propriedade, discordo pessoalmente do fato de que tais instrumentos tornem os meios mais responsáveis perante o público. Penso que eles podem auxiliar na implementação de uma cultura de maior participação da sociedade no debate sobre a mídia, mas não enxergo uma eficiência catequisadora

² MAS: Media Accountability Systems, Sistemas de Responsabilização da Mídia.

¹ Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



neste conjunto de práticas. Não se pode esperar destes dispositivos de acompanhamento um protocolo evangelizador, mas sim o reforço a uma situação de discussão e crítica. Estes esforços podem, algum dia, até tornar os meios de comunicação mais responsáveis, empresários e jornalistas mais comprometidos socialmente. Mas não de imediato.

Por isso, recorro à noção de *monitores de mídia*, que muito se assemelha ao conceito de BERTRAND, mas difere no seu devir. São monitores de mídia os dispositivos e as práticas sociais que permitem que produtores e receptores de informação acompanhem o processo comunicativo, podendo avaliar técnica e eticamente seus produtos. Não é o descarte do conceito de MAS (ou MARS), mas a busca de satisfação de uma necessidade anterior: dispor de mecanismos de observação que possam trazer condições – agora sim – para que os meios tornem-se mais responsáveis frente ao seu público. Ter estes instrumentos (ou dar visibilidade a eles) é delegar ao público uma função que lhe é uma condição de existência: só quem pode zelar pela qualidade, adequação e relevância das informações é o seu próprio destinatário, sem tutelas ou mediações de escolha.

Fazendo funcionar a metáfora que o conceito permite, podemos dizer que quando o indivíduo comum dispõe de monitores claros e nítidos, sua visão das imagens tem mais qualidade. O que pode facilitar sua satisfação como telespectador, como consumidor de informação. Dispondo de um monitor, o indivíduo observa a programação de uma emissora e decide se isto lhe agrada, e se não, troca o canal, buscando uma opção melhor. Agora, se o telespectador tiver vários monitores a sua frente, seu acompanhamento da programação pode abranger diversas emissoras simultaneamente. Cabe a ele, escolher, não se deixar passivo. Daí a necessidade de oferecer instrumentos de observação, acompanhamento e avaliação, possibilitando o monitoramento por parte do público. Esta observação mais ativa dos meios de comunicação por parte do público pode significar, num outro momento, na sua conversão de receptor passivo (consumidor mais-que-perfeito) a cidadão ativo.

Os *monitores de mídia* vão de publicações específicas de crítica de imprensa a conselhos de leitores, de organizações não governamentais interessadas neste debate a



serviços de ouvidoria, de páginas na internet a comissões de ética dos sindicatos. E seu caráter é a observação do comportamento dos meios de comunicação, tendo como pressuposto a condição de um público não passivo.

A experiência: pesquisa, ensino e extensão

O conceito a que recorro – *monitores de mídia* – surgiu em 2001, quando concluí uma pesquisa de um ano sobre como os jornalistas catarinenses observavam os deslizes éticos de seus pares³. A investigação apontou para o fato de que muitos destes dispositivos já existem, mas não têm a visibilidade ideal, e portanto, pouco se recorre a eles. A pesquisa indicou também que as escolas de Comunicação locais – bem como se percebe nacionalmente – estavam ainda distantes de uma participação mais efetiva na crítica dos meios, e que poderiam intervir mais ativamente neste processo.

Diante disso, após a conclusão da pesquisa, elaborei o projeto de implementação de um sítio na internet – produzido e mantido pela universidade – que fizesse o acompanhamento sistemático da imprensa catarinense. Desta forma, no final de agosto de 2001, chegava à rede mundial de computadores a primeira edição do MONITOR DE MÍDIA (<http://www.cehcom.univali.br/monitordemidia>). A proposta era clara: monitorar os três maiores jornais de Santa Catarina - *A Notícia*, *Jornal de Santa Catarina*, *Diário Catarinense* – produzindo quinzenalmente uma avaliação dos seus conteúdos, sob os pontos de vista técnico e ético. Além do diagnóstico do período, cada edição do MONITOR traria resenhas de livros e filmes relacionados ao mundo jornalístico, artigos científicos sobre o tema, e seções para o aprofundamento da discussão deontológica. Todo o material deveria ser produzido por alunos, devidamente orientados por um professor que coordenasse os trabalhos. Outros professores também poderiam participar com artigos, sugestões de pautas e outras colaborações.

O projeto previa que o sítio funcionasse como um laboratório de observação (pesquisa) da imprensa local, incentivando os alunos a ler e discutir os jornais, e motivando uma discussão com o mercado jornalístico e a comunidade leitora. Por isso, a escolha da internet como meio de difusão das críticas de mídia. Esta opção permite que os profissionais tenham um retorno de sua produção, e possibilita que os leitores atentem para a natureza e o funcionamento da imprensa. Neste sentido, o sítio se habilitaria a prestar um serviço de extensão universitária, ao mesmo tempo em que servisse como recurso auxiliar nas aulas da disciplina de *Legislação e Ética em Jornalismo*, entre outras tantas (ensino).

³ CHRISTOFOLETTI, Rogério. *Monitores Mídia: como os jornalistas catarinenses percebem seus deslizes éticos*. Itajaí-Florianópolis: Editoras da Univali e UFSC, de 2002

¹ Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Hoje, parece mais claro que o processo ensino-aprendizagem não é só transferência de conhecimento, mas criação de possibilidades para a sua construção ou criação (FREIRE, 1999). Assim, a própria relação teoria-prática exige reflexão crítica sobre a prática, e este pressuposto trouxe-nos contornos maiores ao projeto do sítio.

Neste primeiro ano de funcionamento, o sítio buscou sua estruturação como projeto fomentador de um amplo debate jornalístico local. Para isso, recorreu à formação de uma equipe fixa de sete alunos⁴ e a participação ocasional de professores do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Buscou-se ainda a implementação de uma rotina e metodologia de trabalho, leitura, discussão e atualização do sítio.

Cada edição do MONITOR DE MÍDIA começa com reunião de pauta, ocasião em que são definidos os temas a serem abordados. Em seguida, os alunos passam a acompanhar os jornais diariamente, coletando informações e fazendo anotações que auxiliem na avaliação geral. Adiante, todos se reúnem para sistematizar as informações e estruturar os textos. O professor coordenador do sítio acompanha de perto todos estes estágios, e os conteúdos só vão para a rede com sua aprovação.

Para disseminar o projeto e permitir uma leitura maior de seus conteúdos, foram definidas estratégias de comunicação que iam da elaboração de cartazes e divulgação em congressos à emissão de malas diretas e inserção do endereço como página principal nos terminais de computadores dos laboratórios de informática no curso. A cada atualização, uma mensagem eletrônica do tipo e-mail é enviada para uma extensa lista de órgãos de imprensa, instituições, profissionais e entidades de todo o país. Estas estratégias têm permitido colher vestígios de um retorno da proposta, seja através dos acessos ao site (conforme se pode perceber no contador da página inicial) ou ainda por meio das mensagens eletrônicas recebidas, vindas de São Paulo, Rio Grande do Sul, Bahia, Santa Catarina, Rio de Janeiro, tanto de professores de Jornalismo, como alunos e profissionais. Neste último caso, a receptividade positiva foi além de quaisquer expectativas da equipe. Contrariando uma certa indisposição à autocrítica profissional,

⁴ Como ainda não foram contemplados com bolsas de estudo, estes alunos se integraram ao projeto voluntariamente e, porque trabalham sob estas condições, creio que merecem menção. São eles Jefferson Puff, Letícia da Silva, Líbia Torres, Naiza Comel, Rogério Kreidlow, Schayla Jurk e Vanessa Silveira.

¹ Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



muitas mensagens foram enviadas parabenizando o trabalho de pesquisa do sítio, acenando claramente com a abertura de um canal de diálogo sobre os dilemas jornalísticos.

A equipe do MONITOR DE MÍDIA foi informada ainda que no Jornal de Santa Catarina, o editor-chefe distribui entre sua equipe versões impressas dos diagnósticos que o sítio disponibiliza, o mesmo acontecendo nos diários concorrentes. O sítio registrou ainda mensagens enviadas por profissionais justificando certos deslizos ou falhas apontadas pelos alunos, demonstrando a possibilidade de um debate sobre os temas e o reconhecimento da necessidade de um trabalho deste tipo.

É evidente que o número de acessos à página do MONITOR e os e-mails recebidos dão uma visão parcial da receptividade da iniciativa. Entretanto, estes indicativos não podem simplesmente ser descartados, já que encerram alguma confiabilidade.

Pesquisa e linguagem

A natureza dos textos que estruturam o sítio propiciam algumas reflexões acerca do trabalho de pesquisa na universidade e do próprio uso da linguagem do meio internet.

No primeiro caso, é preciso entender que os alunos pesquisadores se debruçam sobre *corpus* recortados num curto período, geralmente 30 ou 15 dias de análise, o que significa de 45 a 90 edições de jornal. A determinação deste recorte e a necessidade de atualização quinzenal do sítio determinam a extensão dos textos a serem disponibilizados e a profundidade da análise dos dados. Concretamente, os diagnósticos lançados à rede tem em média 11,5 mil caracteres, ou seja, oito laudas de texto. A extensão pode não satisfazer as dimensões esperadas de um artigo científico, mas é preciso levar em conta que o resultado é produzido a cada 15 dias.

Outro aspecto: a pesquisa realizada não tem caráter formal, e seu objetivo é levantar aspectos relevantes na produção jornalística local naquele período, de forma a apontar uma coerência técnica (ou não), critérios éticos mais ou menos nítidos. Num



conjunto maior de diagnósticos, pode-se buscar uma teor mais científico e abrangente sobre a imprensa local.

Entretanto, apesar destas advertências, o conteúdo disponibilizado no sítio não padece de falta de rigor, de dados que comprovem suas conclusões, de equilíbrio na interpretação das evidências. Os textos do MONITOR DE MÍDIA não são opinativos, não se pretendem impositivos de uma forma de pensar: apenas tentam traduzir uma leitura dos jornais catarinenses num determinado período de tempo, sob alguns aspectos analisados.

A pesquisa em comunicação não pode – como nenhuma outra – desatrelar-se da realidade social que tenta estudar. A perspectiva em que se assenta o projeto MONITOR DE MÍDIA busca um estatuto mais presente do cotidiano para a pesquisa. Isto é, os pesquisadores podem lançar seus olhares para as páginas dos jornais diários e colher dali subsídios para explicar porque a imprensa retrata o mundo de uma forma em detrimento de outra, como faz isso, e que conseqüências traz com estas opções.

A rápida disseminação da internet no Brasil e no mundo e o baixo custo de manutenção de uma mídia como esta provocaram a escolha da rede mundial de computadores como a via de difusão do serviço que o MONITOR DE MÍDIA objetiva prestar. A produção de uma página na internet, sua alimentação, e a coleta de respostas a ela são processos relativamente rápidos, pouco onerosos e fáceis, fatores que facilitam a exequibilidade do projeto.

Entretanto, como qualquer meio, o digital também dispõe de suas regras de funcionamento e de linguagem. Neste sentido, o sítio MONITOR DE MÍDIA se conforma a algumas destas normas e tenta dissuadir outras. A primeira destas transgressões diz respeito à extensão dos textos em tela. Na imensa maioria dos casos, os sítios disponibilizam textos curtos para rápida leitura, com links para outras páginas, conferindo ao sistema uma dinâmica particular de acesso e navegação. O MONITOR DE MÍDIA recorre a links e propicia ao visitante da página um trânsito entre diversos frames. No entanto, os textos dos diagnósticos e os da seção Artigos são mais longos do que comumente se encontra na internet. E tal dissidência se justifica por um critério



claro da proposta: oferecer uma crítica de mídia não superficial, possibilitando uma discussão para além do óbvio e do senso comum.

Desta forma, privilegiando o conteúdo, o sítio subverte uma regra funcional do meio. Isso pode significar um perigo para a proposta na medida em que o visitante impaciente abandona o sítio. Porém, a proposta se apóia na crença de que o conteúdo disponibilizado tem qualidade para atrair e manter o internauta na página, e mantém a prevalência do conteúdo sobre a forma.

Pierre LÉVY (1999) considera a internet um projeto de inteligência coletiva, um mosaico formado pelas páginas pessoais, institucionais, de grupos e de empresas. Dados, imagens, sons, animações, arquivos de texto, tudo é matéria de composição de uma rede de conteúdos e formas. Para além de informar, esta nova mídia permite formação cultural e outros assujeitamentos, provocando novas práticas sociais coligadas. Seguindo esta trilha, o sítio MONITOR DE MÍDIA é só mais uma diminuta peça neste projeto. Se por um lado, ele investiga os veículos no mercado local, por outro possibilita que profissionais revejam seus métodos, aperfeiçoem suas práticas; que empresas revisem suas estruturas organizacionais; que alunos empreendam uma leitura mais crítica e freqüente dos meios catarinenses; e que qualquer internauta lance um olhar mais atento aos meios de comunicação, permitindo-lhe a expansão do seu senso crítico.

Os focos do Monitor de Mídia

Neste primeiro ano, o sítio abordou diversos aspectos da prática jornalística nos diários catarinenses, oscilando das preocupações éticas com a elaboração do processo comunicacional aos procedimentos específicos da profissão.

Na edição de 17 de setembro de 2001, por exemplo, o foco do sítio foi a pouca atenção dos jornais às retificações, como se não cometessem erros, imprecisões ou distorções (deliberadas ou inadvertidas). Em 191 edições analisadas, as erratas apareceram em menos de 30% delas, de acordo com o levantamento. O fato acusa um comportamento: o descaso com o reconhecimento do erro. Ou os jornais investem



pouco na detecção destes deslizes ou simplesmente descartam a necessidade de atestar o erro e tentam corrigi-lo.

Em outra edição, a de 12 de outubro, o sítio se concentrou na cobertura das cheias que assolaram Santa Catarina naquele mês. Uma das conclusões apontou para o fato de que a proximidade com o acontecimento levou a uma maior prestação de serviços. Desta forma, entre os jornais analisados, as edições do *Jornal de Santa Catarina* se mostraram mais preocupadas com a orientação do leitor em situações difíceis como o alagamento da rua e o perigo de doenças contagiosas. Explica-se: o diário em questão tem sede em Blumenau, cidade afetada pela enchente. A proximidade com o fato levou o jornalista a oferecer um noticiário mais equilibrado entre a informação e a prestação de serviço.

Mas nem sempre estar perto do fato privilegia uma melhor informação. Foi o que atestou o diagnóstico de 26 de novembro de 2001, que discutiu a relação às vezes incestuosa entre fontes de informação e enviados especiais. Segundo se observou, os jornalistas que acompanharam o governador Esperidião Amin em viagem internacional não trouxeram dados suplementares aos que foram enviados pela assessoria da comunicação do governo, fenômeno que ajuda a questionar sobre a independência com a qual trabalham os meios nestas situações.

Pesquisa feita pelo sítio revelou uma fragilidade na estrutura interna dos jornais locais: a disponibilidade de repórteres fotográficos para uma cobertura mais intensiva das autoridades políticas. Dessa forma, o diagnóstico de 16 de março de 2002 apontou que, muitas vezes, as fotos publicadas nos jornais têm funcionado como uma vitrine política de algumas personalidades. As assessorias de imprensa do governador ou de outros políticos enviam às redações fotos de visitas ilustres, de viagens diplomáticas, de inaugurações de obras e os jornais, simplesmente, reproduzem as fotos que – dadas as suas origens – sempre trazem a melhor imagem dos políticos. Nem sempre, os jornais deixam claro para o leitor que os retratos são provenientes da assessoria de imprensa, o que significa mais uma falha técnica: confundir registro do fato com composição propagandística.



Ainda discutindo a estrutura das empresas jornalísticas catarinenses, o sítio trouxe no dia 1º de março de 2002 levantamento informal feito em apenas uma edição, apontando que os diários locais muito pecam na revisão de seus originais. Os pesquisadores do MONITOR DE MÍDIA selecionaram exemplares de um mesmo dia – uma segunda-feira – para lerem todo o conteúdo editorial, sinalizando os erros gramaticais cometidos. Em 99 páginas lidas, foram registrados 263 deslizes às regras da língua. A leitura revelou um excesso de erros de pontuação, acentuação, digitação e ortografia, sem contar problemas com regências e concordâncias, entre outros. Embora pareça uma investigação um tanto formalista, o levantamento feito se refere diretamente a defeitos nos textos, comprometendo a qualidade dos produtos jornalísticos. Quando o consumidor compra uma lata de ervilhas e ela está amassada, há um problema sério na qualidade da conserva. Quando o leitor percebe erros nos jornais, acontece o mesmo. Evidentemente, jornais não são latas de ervilhas, mas também são produtos de consumo que dependem do fator credibilidade. Com a modernização das empresas jornalísticas, os setores revisores foram extintos e os editores passaram a responder por este serviço. Não bastasse ter que escolher títulos, legendas, dispor as matérias nas páginas, e acompanhar o trabalho dos repórteres, o editor ainda tem que revisar todo o material que seguirá para a gráfica. A sobrecarga estafa o profissional. Com isso, erros óbvios podem escapar das vistas dos editores, comprometendo a qualidade final do jornal.

Neste primeiro ano de funcionamento, o MONITOR DE MÍDIA observou, entre outros fenômenos, que as editorias de Cultura e Variedades investem pouco em reportagens e que mais funcionam como assessorias de imprensa dos produtores artísticos (29 de outubro de 2001), que os cadernos de verão – tradicionais em Santa Catarina - mostram cansaço nas suas fórmulas e se revelam pouco ousados e criativos (15 de fevereiro de 2002) e que os editoriais têm perdido um pouco do espaço para crítica e opinião nos jornais locais na medida em que apenas se limitam a repercutir as notícias do dia anterior ao invés de colocar temas importantes na agenda social (15 de abril de 2002).

Esta primeira etapa de trabalho do sítio – sua implementação como instrumento de avaliação da imprensa local e instaurador de um debate amplo sobre o jornalismo –



trouxe alguns resultados que, na maioria das vezes, são difíceis de ser contabilizados. Particularmente, o que venho notando é um movimento gradativo no despertar para uma leitura mais crítica dos meios. Isso é perceptível tanto na sala de aula quanto nas dinâmicas e reuniões com a equipe do projeto. Este aspecto se estende ainda para uma leitura mais cotidiana dos jornais locais, algo que – embora pareça paradoxal num curso superior de Jornalismo – não era uma prática tão disseminada quanto se desejasse.

O trabalho do MONITOR DE MÍDIA tem possibilitado discussões acerca da imprensa local para além do tempo de aula, o que demonstra a importância e o alcance de um dispositivo paradidático como este. Neste sentido, os conteúdos do sítio têm sido usados como recurso complementar de análise de mídia em outras disciplinas do curso.

Ainda dentro da realidade do curso na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), incubadora do MONITOR, penso que o projeto pode ajudar a modificar um traço característico na produção científica dentro do contexto dos trabalhos de conclusão de curso: poucas são as monografias realizadas, muito pela grande quantidade de reportagens especiais e projetos de prática editorial e também por uma certa mitificação do gênero científico. As pesquisas disponíveis no sítio ajudam os alunos a rever seus parâmetros, e incentivam a produção de novas investigações semelhantes. Penso que – em médio prazo – possamos ter um crescimento expressivo das monografias apresentadas como trabalho de conclusão no curso de Jornalismo da UNIVALI.

Num contexto mais ampliado, o sítio abriu um diálogo mais franco e freqüente entre as redações dos jornais e a academia. Isso se mede pelo volume e intensidade das mensagens recebidas dos profissionais locais. Não apenas isso: em alguns momentos, os jornais já chegaram a alterar suas práticas, num sinal claro de que estão abertos à crítica e dispostos a ouvir as escolas de comunicação para a busca de uma melhoria de qualidade. É bem verdade que o projeto está apenas começando, mas estes breves resultados nos motivam a pesquisar novas formas de participação da academia num processo de evolução da imprensa local. Assim também se contribui para que o leitor – nem sempre perfeito – torne-se um cidadão mais-que-perfeito.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Referências Bibliográficas

- BERTRAND, Claude-Jean. A deontologia das mídias. Bauru: Edusc, 1999
- BERTRAND, Claude-Jean. O arsenal da democracia. Sistemas de responsabilização da mídia. Bauru: Edusc, 2002
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. Monitores de Mídia: como os jornalistas catarinenses percebem seus deslizes éticos. Florianópolis e Itajaí: Ed. Univali/Edufsc, 2002
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa. 12^a edição. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.
- LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999
- SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. São Paulo.: Nobel, 1987